



CENÁRIO *Para especialista, setor será determinante para controle da inflação*

O papel estratégico do agronegócio na economia

Nesse contexto de baixo crescimento da economia brasileira e mundial, o agronegócio deve seguir desempenhando papel estratégico, segundo o coordenador científico do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) Geraldo Barros. O centro é ligado a Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz). “A economia brasileira chegou ao ponto crítico: não dá mais para continuar a crescer com base no consumo para puxar a demanda e na força de trabalho para sustentar a oferta. Daqui para frente tornam-se essenciais o investimento e a produtividade, que, mesmo incentivados hoje, somente produzirão resultados a médio e longo prazos”, analisou. Segundo Barros, o agronegócio será determinante inclusive para que a inflação não ultrapasse as taxas mais altas que vêm sendo toleradas, entre 5% e 6%.

Sobre o agronegócio, pesa ain-

da a responsabilidade de manter as contas externas em patamares relativamente seguros, que possam ser sustentados pela entrada de capitais, atualmente em queda. Ao setor industrial, Barros analisa que falta competitividade, sendo que o comércio de minérios perdeu muito de sua dinâmica. Ao mesmo tempo, a tendência de aumento ou manutenção das importações, inclusive de petróleo, deve prosseguir.

Em média, o agronegócio tem representado 27% do PIB brasileiro nos últimos dez anos, quando se considera o volume produzido. No mesmo período, o PIB do agronegócio cresceu, em média, 3,2% ao ano, enquanto o PIB total alcançou a média de 3,5%. “O crescimento do agronegócio mostra-se, porém, mais estável”, disse Barros.

Para 2013, o cenário mais provável ao setor é benigno. “Os principais países compradores mantêm rendas em crescimento, embo-

ra um pouco mais lento. A liquidez internacional permanecerá elevada. O dólar no mercado interno será sustentado pela política cambial em níveis historicamente elevados, mais favoráveis à exportação”, avaliou Barros, acrescentando que as dificuldades maiores são internas e derivam da debilidade da infraestrutura, das incertezas na área da energia (inclusive etanol), da insuficiência dos investimentos em pesquisa e tecnologia, e também das mudanças climáticas, que vêm produzindo eventos extremos com uma frequência preocupante.

Do lado externo, continua a apreensão quanto à duração da crise econômico-financeira, mas não são esperadas fortes quedas no comércio de produtos do agronegócio. “Haverá alguma desaceleração sem, porém, baixar significativamente os patamares médios de preços dos últimos anos.”
(Paola Ribeiro)